

### 34- Música em Musicoterapia: do Musicing ao Mousikê. Clara Márcia de Freitas Piazzetta/PR.<sup>1</sup>

O século XXI trouxe consigo publicações musicoterápicas voltadas ao maior entendimento do campo da música em musicoterapia. Craveiro de Sá (2003) defende uma musicoterapia musical, segundo o pensamento filosófico de Deleuze e Guatari; Barcellos (2007) aprofunda estudos no campo da semiologia descrita por Molino e Nattiez e, o 'paciente é o narrador musical de sua história de vida'. As publicações virtuais do Nordical Journal e Voices trazem ensaios e artigos e o tema tem se mostrado como o coração da construção teórica da Musicoterapia. As fundamentações destes estudos, contudo têm um elemento comum: o campo da filosofia e da estética da música. Assim, este ensaio tem por base um estudo bibliográfico no campo da música em musicoterapia e apresenta as bases filosóficas e estéticas musicais dos textos citados. Do amplo uso da canção e o debate entre música e letra chega às possibilidades de entendimentos do significado musical de obras instrumentais. Na trajetória pelos escritos musicoterápicos sobre Community Music Therapy; Music Centered Music Therapy; Culture Centered Music Therapy estão os estudos musicológicos do conceito de musicing. E esse aproxima-se do conceito da Grécia antiga: mousiké. Deste modo, este trabalho propõe um campo descritivo conceitual sobre Música e filosofia e discute a importância da aproximação entre Musicoterapia e Filosofia da Música, uma vez que: a universalidade da Música e sua força expressiva têm na Filosofia seu 'interlocutor mais fecundo' (GUBERNIKOFF, 2008). No constante desafio do crescimento a Musicoterapia encontra na música, raízes profundas.

Palavras-chave: música em musicoterapia; filosofia da música; musicing; mousiké.

### 35- Ser (músico) terapeuta e Ser paciente. Talita Ribeiro Passoni /SP.<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo tem como foco de discussão o cuidado com o "ser" musicoterapeuta, e pretende refletir e correlacionar os papéis de ser terapeuta e ser paciente – por parte da musicoterapeuta autora em um mesmo local/instituição de atendimento. Desse modo, analisa-se terapeuticamente o quanto a contratransferência pode influenciar a relação terapêutica. Relatam-se experiências pessoais juntamente com argumentações de referenciais bibliográficos, tais como Bruscia (2000), Leinig (2008), Cirigliano (2004), a fim de pontuar possíveis situações que o ser humano no papel de terapeuta, pode viver/experienciar ao estar, por sua vez, na posição de paciente. Procura-se discutir se realmente uma pessoa que apresenta determinada patologia possui condições de assumir as duas funções: de terapeuta e de paciente, sendo esse um dos desafios a se enfrentar no entremear-se da caminhada da vida profissional e pessoal.

Palavras chave: Relação terapeuta-paciente. Contratransferência. Musicoterapeuta.

#### ABSTRACT

##### BEING A (MUSIC) THERAPIST AND BEING A PATIENT

This present article has as its main topic for discussion the concern with "being" a music therapist, and intends to reflect about it and correlate the roles of being a therapist and being a patient – considering the author music therapist approach in vogue in the same local / institution that provides a specific treatment. This way, a therapeutic analysis can be made concerning how strong the countertransference might influence the therapeutic relation. Personal experiences altogether with argumentations from other bibliographic references can be found in this paper, such as Bruscia (2000), Leinig (2008), Cirigliano (2004), in order to point out possible situations that the human being in the social role of a therapist might be through / experience when positioned somehow as a patient. The discussion regarding the question if a person with an exact pathology is able to take on both jobs: of a therapist and of a patient, being this one of the challenges to be confronted during one's professional and personal life.

Key Words: Therapist – Patient Relation, Countertransference, Music Therapist.

#### 1. INTRODUÇÃO

Existe a premissa básica de que todo terapeuta deve ter também seu terapeuta, ou seja, realizar um processo terapêutico seja ele psicoterapia ou de musicoterapia. Desde que se ingressa na faculdade isso é dito aos futuros musicoterapeutas. Porém, não são todos que realizam esse processo tão necessário. O que pretendo discutir nesse artigo é o fato do próprio musicoterapeuta ter uma condição de paciente na qual terá de

<sup>1</sup> Mestre em Música/Musicoterapia (EMAC-UFG/GO, 2006); Graduada em Musicoterapia (FAP –PR, 1988); Musicoterapeuta Clínica e integrante dos grupos de pesquisa NEPAM-UFG/CNPq e NEPIM-FAP/CNPq; Docente da Faculdade de Artes do Paraná.  
Email: musicoterapia.atendimento@gmail.com  
Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/6217374420607409>

<sup>1</sup>Talita Ribeiro Passoni, musicoterapeuta clínica graduada pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP), Especialista em Educação Especial (UNIMEP/ Piracicaba), responsável pelo setor de Musicoterapia da APAE de Salto – SP. E-mail: talita.passoni@gmail.com